

Angelo Scola

HOMEM MULHER

O CASO
DECISIVO
DO AMOR

Principia

Homem-Mulher

O Caso Decisivo do Amor

Título

Homem-Mulher – O Caso Decisivo do Amor

Autor

Angelo Scola

Copyright

Principia, Cascais

1.ª edição – Março de 2005

Título e copyright originais

Uomo-Donna – Il “caso serio” dell’amore

© 2002, Casa Editrice Marietti S.p.A., Génova – Milão, Itália

Tradução

Ana Maria Coimbra Gonçalves e Maria Inácia Ramos Ascensão

Revisão

Maria João Favila Vieira Carmona

Design da capa

Maia Moura Design

Composição e paginação

Xis e Érre, Lda.

Execução gráfica

Tipografia Peres

ISBN 978-989-716-016-5

Depósito legal 221414/05

Principia

Rua Vasco da Gama, 60-C – 2775-297 Parede – Portugal

Tel. +351 214 678 710 • Fax +351 214 678 719 • principia@principia.pt • www.principia.pt

Angelo Scola

Homem-Mulher

O Caso Decisivo do Amor


PRINCIPIA

PRÓLOGO

«Amor é jovem de mais para saber o que é consciência
Mas quem não sabe que a consciência nasce do amor¹?»

Qualquer um de nós sente que estas palavras de Shakespeare, que encontram eco em inúmeras vozes da arte, da literatura e da música de todos os tempos e de todos os lugares, fazem vibrar um acorde constitutivo da experiência humana. O eu nasce sempre no seio duma relação. Tem sido assim desde o aparecimento do Homem sobre a face da Terra e assim continuará a ser até ao seu desaparecimento. Nunca ninguém poderá fazer-se a si mesmo, nem mesmo – no inquietante cenário cada vez menos de ficção científica que se está a preparar – caso venha ao mundo como um produto de laboratório.

Portanto, sou sempre precedido por uma relação. Tenho origem *noutro*. Preciso de outro para me realizar.

A coisa, como todas as outras que dizem respeito ao coração do homem (ou seja, o núcleo diamantino e inalienável), é mais difícil de explicar do que saber, ou melhor, do que reconhecer.

A própria vida se encarrega de no-lo recordar. Pensemos no olhar enlevado da criança que, descobrindo pela primeira vez o sorriso da mãe, todo se

¹ Cf. W. SHAKESPEARE, *Sonetos*, CLI, 1-2.

ilumina. Ou nos dons insuspeitos que afloram de repente no rapazinho tímido e embaraçado depois da rapariguinha lhe dizer «sim». Ou, ainda, no «milagre» conseguido pela voz da mulher amada que é capaz de despertar do abismo da inconsciência um homem vitimado por um gravíssimo acidente.

O *eu* não é uma mónada auto-suficiente e completa em si mesma; manifesta-se, move-se e realiza-se somente pela irresistível atracção do *tu*. Com a palavra *amor* – hoje, mais do que nunca, gasta, desfigurada, mal entendida – pretende-se designar esta experiência universal e original que, precisamente por assim ser, não se pode perder sem que se extravie o homem enquanto homem. Por isso se fala de amor como um *caso sério*, ou decisivo. Ao usar aquele primeiro adjectivo, não me refiro acima de tudo à sua valência ética. Quando alerto os jovens para o risco de uma banalização do amor, não pretendo fazer disso *in primis* uma questão moral, mas sim uma questão de verdade. De lealdade para com as coisas tal como elas são. Só a verdade, de facto, porque nos corresponde profundamente, gera gosto e dá a energia moral necessária.

Para descobrir as linhas constitutivas do amor temos de remontar, embora rapidamente, à sua nascente: ao gesto criador do Pai. Deus, ao criar o homem e a mulher, quis participar a sua natureza comunial e imprimiu nos seus corações um dinamismo imparável de abertura recíproca. Eva é colocada ao lado de Adão como *marcador* do radicalmente Outro, o Infinito: o destino final do desejo humano.

Assim, a diferença sexual (homem-mulher) vem a revelar-se como o lugar privilegiado dessa saída originária do *eu* em direcção ao *tu*, que confere fisionomia à pessoa e lhe permite o dom total de si, como tecido constitutivo do amor. No homem, indissociável unidade de alma e de corpo, esse dom implica a fecundidade.

Diferença sexual, dom de si e fecundidade: o percurso do amor passa obrigatoriamente por aqui. Enveredar por outro caminho significa privar-se da experiência da felicidade. A Igreja não se cansa de proclamar a indissolúvel unidade destes três factores, constitutivos daquilo que aprenderemos a reconhecer como o *mistério nupcial*. Não receia parecer contracorrente por desvendar a beleza das coisas «tal como elas são», porque o Criador, desde a origem, assim as quis. Mostrar a total *correspondência* do mistério com as exigências mais profundas do coração do homem é a aposta deste livro.

A tarefa, dada a consistência da aposta, não é das mais fáceis. Vamos desenvolvê-la em três partes que correspondem aos três factores do mistério

nupcial. A primeira, intitulada «O eu e o tu», pretende descrever a *diferença sexual*. A segunda parte, intitulada «Amo-te», é dedicada ao *dom de si*. «O amor gera amor» é o título da terceira parte, que aprofunda o tema da *fecundidade*. Com efeito, o fogo de fila da mentalidade dominante contra a unidade do mistério nupcial (diferença sexual, dom de si e fecundidade) não tem trégua. Qualquer possibilidade que a ciência abre de separar os seus factores constitutivos é saudada como uma conquista de liberdade.

Como se, liberto da sexualidade, o amor pudesse finalmente elevar-se à categoria (que lhe cabe) de sentimento puro, elevado, espiritual. Como se a fecundidade, ao abrigo da caprichosa e até um pouco grotesca fisicidade da relação entre o homem e a mulher², pudesse finalmente encontrar uma garantia objectiva no ambiente asséptico, perfeitamente dominável e, portanto, seguro, dum laboratório.

Desfazer a unidade do mistério nupcial significa, pelo contrário, despoletar uma reacção em cadeia que leva inexoravelmente a dissolver a unidade do *eu*. É realista perguntar se o risco de abolição do *humanum* temido por Lewis³ alguma vez esteve tão próximo⁴!

² Cf. C. S. LEWIS, *The Four Loves*, Londres, 1998, p. 87-110.

³ Cf. *idem*, *The Abolition of Man*, Londres, 1987.

⁴ Abordei todos estes assuntos numa perspectiva académica nos volumes *Il Mistero Nuziale 1. Uomo-Donna, 2. Matrimonio-Famiglia*, Roma, PUL Mursia, 1998-2000. A essas publicações deixo, portanto, todo o aprofundamento técnico e as necessárias referências bibliográficas específicas.

PRIMEIRA PARTE

O EU E O TU

I. A DIFERENÇA SEXUAL

1. A diferença sexual é incontornável

«Se *eu* me em-*ti*-asse como tu te enmias...¹»

Assim, com duas ousadíssimas invenções linguísticas, exprime Dante o dinamismo *eu-tu* que se revela decisivo para a sanidade e o amadurecimento de todos os homens desde o seu primeiro assomo à vida.

Na surpresa do *tu* – misteriosa e, contudo, familiaríssima *alteridade* – desperta o *eu* – irreduzível *identidade*. O *outro* não é portanto um *optional*, mas sim condição irrenunciável para que exista o *eu*. Não um mero «acidente», mas algo constitutivo.

Em todos os tempos e em todas as latitudes surge no *eu* uma abertura originária, um convite a sair de si, que o impele para (em latim esse dinamismo é designado pelo verbo *di-ferre*) o *tu*. Esta é uma característica indelevelmente inscrita na natureza de todos os seres humanos.

«Deus criou o ser humano à sua imagem [...] Ele os criou homem e mulher» (Gn 1, 27): a *Bíblia*, com uma fórmula icástica, descreve-nos a sua origem.

¹ Cf. DANTE, *Paraíso*, IX, p. 80-81. Cf. trad. V. Graça Moura: «Se eu entrasse em ti como tu entras em mim (no pensamento)».

A diferença sexual revela-se, assim, como uma dimensão irrenunciável do eu. Tão originária que, se fosse abolida, o ser humano ficaria «desnaturado». O homem não seria tal.

Sem necessidade de recorrer às análises mais exaustivas dos especialistas em ciências humanas, basta um olhar simples e leal sobre a realidade para revelar este fenómeno absolutamente evidente: ninguém pode esgotar em si todo o homem. Terá sempre diante de si o outro modo (a mulher para o homem e o homem para a mulher), que lhe é inacessível, de o ser. Podemos portanto dizer, com João Paulo II, que o homem é, na realidade, a unidade dual homem-mulher².

O relato da criação da mulher (Gn 1, 18 ss.) descreve bem a percepção de tal diferença irreduzível por parte do homem masculino, embora na sua identidade essencial com a mulher. («Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne» – Gn 2, 23). Eva é extraída de Adão para ser diferente, apesar de ter a essência pessoal em comum com ele. Deus modela-a com a costela de Adão e põe-na diante deste, como um interlocutor que ele não se pode dar a si mesmo nem, muito menos, dominar, ao contrário do que lhe é possível fazer com todos os outros seres vivos («dar o nome», na linguagem bíblica, significa estabelecer o seu domínio). Tentemos imaginar – muitos artistas o fizeram – o olhar de Adão ao ver pela primeira vez Eva junto de si... Poderíamos encontrar alguns traços no olhar da criança para a sua mãe a que nos referimos no prólogo.

Desde o início, a mulher é colocada diante do homem (e vice-versa) como um dom. Uma presença inimaginável, de todo em todo irreproduzível, que, no entanto, lhe corresponde profundamente.

Embora sejam ambas pessoas ao nível da identidade, o homem e a mulher são sexualmente diferentes. E essa diferença perpassa todo o ser humano, até à sua mais ínfima partícula: de facto, o corpo do homem é, em cada uma das suas células, masculino, assim como o da mulher é feminino.

A diferença sexual apresenta-se, assim, ao mesmo tempo, como interna e externa ao eu. De facto, se, por um lado, ela introduz a alteridade na própria pessoa, por outro aponta a sua insuficiência estrutural, abrindo-a para fora de si. «O Senhor Deus disse: “Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele”» (Gn 2, 18).

² Cf. JOÃO PAULO II, *Mulieris Dignitatem*, 6.

O *outro* é-me tão inacessível como necessário. A natureza sexuada representa um dos lugares originários em que o homem faz a experiência da sua contingência criatural. Ou, mais precisamente, embora em termos um pouco mais técnicos, da sua dependência ontológica e da consequente capacidade de relação.

O desígnio originário de Deus, ao fazer-nos masculinos ou femininos, tem que ver com educar-nos para perceber o peso do *eu* e o peso do *outro*³.

A diferença sexual revela-se, assim, como «instrução primária» para o homem. Trata-se de aprender o *eu* através do *outro* e o *outro* através do *eu*.

A necessidade/desejo do *outro* que, como homem e como mulher, *eu* experimento não é, portanto, a marca de um *handicap*, de uma deficiência, mas antes o eco da grande aventura de plenitude que vive na Unitrindade de Deus, porque fomos criados à Sua imagem. «Criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher» (Gn 1, 27).

O jogo da alteridade está, de facto, no próprio Deus. Pela nossa fé temos conhecimento do facto, extraordinário e misterioso, de um *eu* que está na origem de tudo: o Pai. Ele dá o Seu próprio ser a um *outro* que, acolhendo totalmente esse dom e restituindo-o, é gerado: o Filho. E a reciprocidade entre os dois é tão perfeita que o fruto desta relação é o próprio Deus, na pessoa do Espírito Santo.

No mistério da Trindade está presente a mais radical diferença que se possa experimentar ou mesmo simplesmente intuir. A máxima diferença dentro da mais absoluta identidade⁴.

Quando, através da graça – isto é, através de Jesus –, esse mistério nos é comunicado, todo o horizonte e a profundidade da nossa experiência humana são por ele iluminados.

O que acima foi dito explica porque é que uma cultura que não aceita a revelação do Deus Trinitário é, em última instância, incapaz de pensar positivamente a diferença sexual. Basta considerar o que está a suceder na nossa própria cultura europeia. Ao perder a referência viva à fé em Jesus Cristo, que constitui a sua raiz, ela perdeu o sentido da Trindade. Consequentemente, tem

³ «Liga-o com o peso deste outro ser sem ele tão belo que o chama através da distância» – assim o irmão jesuíta invoca Deus para a salvação do protagonista do *Soulier de satin*. Cf. P. CLAUDEL, *Le soulier de satin*, Paris, 1931.

⁴ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, p. 249-256.

cada vez mais dificuldade em conceber a *diferença*, até mesmo a diferença sexual, e por isso, como veremos melhor mais adiante, é uma cultura cada vez mais andrógina.

Marcada pelo toque original do Mistério, a diferença sexual é algo que, em última instância, escapa a qualquer tentativa humana de definição e não pode ser capturada como um objecto com o nosso pensamento. Mais precisamente – ainda que utilizando um termo algo duro, inusual – diz-se que é *indedutível*. Por outro lado, ela não pode ser abolida sem desnaturar o eu. Mas, dado que, com o pecado original, o desígnio do Criador sofreu uma fractura profunda⁵, a abertura originária entre homem e mulher ficou por ele, em certo sentido, mortificada: a lógica da reciprocidade e do dom ameaçou continuamente corromper-se numa lógica de poder (de domínio no homem e de sedução na mulher).

Mas Jesus veio restituir as coisas à verdade do início.

2. Identidade-diferença não é igualdade-diversidade; por isso, não discrimina.

Portanto, a *coisa* está clara desde a origem: Deus criou o homem e a mulher em tudo idênticos na humanidade («Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne» – Gn 1, 23), mas irredutivelmente diferentes na fisionomia sexual («Ele os criou homem e mulher» – Gn 1, 27).

A total identidade entre o homem e a mulher está actualmente, em princípio, consolidada. Já ninguém, pelo menos no mundo ocidental, põe em dúvida a sua comum dignidade pessoal, da qual deriva a total paridade de direitos e deveres. O século XX, também em consequência da chamada «revolução sexual» e do feminismo, reconheceu, conquistou e defendeu essa igual dignidade.

Há quem, inversamente, receie (nem sempre a brincar) que se tenha mesmo «exagerado» e que, numa sociedade como a nossa, cada vez mais invadida por uma espécie de «retorno ao matriarcado», se corra antes o risco de uma discriminação às avessas!

⁵ Cf. *ibid.*, p. 385-421.

Em suma, actualmente, se algo está em perigo, não é decerto a identidade, mas a diferença. E liquidar o problema reduzindo-o a uma diversidade de papéis do homem relativamente à mulher parece-me decididamente parcial e «apressado», muito embora isso também não seja de modo algum despiciendo.

Se as coisas estão neste pé, não será, então, inútil reservar um espaço – embora breve – para responder à pergunta «Como é pensada a diferença entre o homem e a mulher?» Ou melhor: será que ela é verdadeiramente *pensada*?

Digamos desde já que «homem-mulher» é um dos lugares elementares em que somos educados para colher a diferença como carácter distintivo de toda a realidade⁶.

Embora nas últimas décadas se tenha escrito muito a este propósito, parece-me que o *pensamento da diferença* continua a ser ainda hoje um tema substancialmente ingrato e, se exceptuarmos a tentação de o instrumentalizar na luta pela emancipação da mulher, é geralmente referido apenas para a abolir, como que para exorcizar o hiato que qualquer homem inexoravelmente encontra nela.

Erodindo progressivamente a espessura do mistério contido na diferença sexual, acabou por perder-se o seu significado profundo. E dado que, a longo prazo, uma mudança na concepção acaba por modificar também a linguagem, o binómio identidade-diferença caiu lentamente em desuso e foi substituído pelo mais «manipulável» igualdade-diversidade. Ficamos, desse modo, com a ilusão de «domesticar» a irredutibilidade da diferença sexual, assimilando-a a diversidades de natureza diferente daquelas de que, normalmente, todo o homem tem experiência. Mas diferença não é diversidade. Esta última, de facto, como diz o seu significativo étimo *di-vertere* (orientar noutra direcção), indica a abertura de um leque de possibilidades.

A noção de diversidade tem que ver, por natureza, com a multiplicidade e a mudança de algo que traz à colação o «exterior» sem se referir à essência íntima

⁶ Com uma linguagem mais precisa, apesar de mais técnica, dever-se-ia dizer que esta é a mais imponente atestação antropológica da diferença ontológica (a expressão é de Heidegger), quer dizer, enraizada ao nível das coisas tal como elas são. Na poderosa síntese do pensamento escolástico que é a *Summa*, Tomás de Aquino chamava-lhe «*distinctio realis*». Cf. A. SCOLA, *Gesù, Destino dell'Uomo*, Cinisello-Balsamo, 1999, p. 7-18.

do indivíduo. Por exemplo, há um século, a diversidade entre o europeu, o chinês e o africano era de tal forma marcada que parecia intransponível! Agora, em tempo de globalização, reduziu-se a tal ponto que parece inexistente!

Pelo contrário, a raiz da palavra «diferença» deriva do verbo *dif-ferre* e sugere a ideia de *levar para outro lugar a mesma coisa*, mudando a sua colocação. Não indica, por isso, uma relação entre duas coisas, mas sim levar a mesma coisa para outro lugar. Enquanto a diversidade indica um dado *interpessoal*, a diferença é *intrapessoal*.

Também a noção de *igualdade*, actualmente empregue como sinónimo de *identidade*, significa na realidade algo bem diferente. De facto, o termo em si mesmo estabelece uma semelhança puramente formal entre realidades diferentes. Liga-se à ideia de uma série de objectos intercambiáveis e pode desembocar na uniformidade. A identidade, pelo contrário, refere-se à fisionomia constitutiva e singular do eu.

Contra o inquietante, e cada vez menos pertencente ao domínio da ficção científica, exército de clones (igualdade de diferentes) que, eliminado agora todo o dramatismo, vegetam fechados no seu autismo, ergue-se a visão da *imago Dei*, em que a diferença na identidade, longe de ameaçar a dignidade da pessoa, exalta o rosto de cada um com a sua irreduzível marca divina.

Nesta perspectiva, deve-se reconhecer que a diferença sexual se abre certamente a uma reciprocidade, mas a uma *reciprocidade assimétrica*⁷.

Para documentar essa «assimetria», basta também uma simples observação da experiência quotidiana. Nela, de facto, a reciprocidade de homem-mulher nunca se dá «em sentido único», mas sempre numa pluralidade de flexões. O homem pode ser o marido, mas também o irmão, o pai ou o filho da mulher. E a mulher pode ser a esposa, mas também a irmã, a mãe, a filha do homem... para ficarmos apenas pelo nível primário das relações familiares. A diferença não se coloca, portanto, nos termos de uma simples complementaridade, como, ao invés, Platão sustenta no seu célebre *Simposio*⁸.

⁷ Cf. *idem, Il Mistero Nuziale 1. Uomo-Donna, op. cit.*, p. 122 ss.

⁸ Segundo o mito referido por Aristófanis nesta obra de Platão, o homem e a mulher seriam duas metades da criatura única que, divididas por um deus ciumento, estariam destinadas a fundir-se para recompor a unidade original perdida.

3. A irreduzível identidade da mulher

Proseguindo a nossa exploração do território da diferença, centramos agora o objectivo sobre a mulher, para surpreender as suas linhas constitutivas. Seria totalmente erróneo fixá-las em esquemas rígidos, como fez (e infelizmente faz ainda!) a cultura dominante duma sociedade que relegou a mulher para recintos separados. Mas temos de constatar com amargura que o gineceu do mundo clássico, o harém do mundo árabe ou o lar doméstico da sociedade oitocentista não eram, quiçá, mais discriminantes do que determinados *sites* virtuais ou, de uma forma mais geral, mediáticos, nos quais a mulher é tratada como um bem de consumo – apesar de ser venerada e mimada como todos os artigos de luxo – e, no fim, comercializada.

Ao reagir, e justamente, contra estas reduções, o feminismo esforçou-se por destruí-las, mas, interpretando mal a diferença, arriscou-se a impor, em marcha forçada, uma espécie de masculinização da mulher que deforma a sua identidade ao ponto de a anular.

Para se referir à preciosa e inconfundível identidade feminina, o Papa, na sua já famosa carta apostólica *Mulieris Dignitatem*, fala de *génio profético*⁹. Um carácter singular que deve ser apreendido em todo o seu alcance para não se correr o risco de o reduzir a uma espécie de prémio de consolação atribuído à mulher sem beliscar o preconceito machista. Na minha opinião, o segredo da mulher encerra-se na sua condição de ser eminentemente o lugar da diferença. Eva é o *outro* de Adão. A mulher tem sempre o posto do *outro*. Mas quem é, propriamente falando, o *outro*? No sentido último da palavra, é o próprio Deus. E a mulher é, de algum modo, o Seu sinal mais forte. Que maior exaltação existe da identidade feminina? Se cada mulher tivesse, nem que fosse somente de relance, consciência disto, irromperia num cântico de gratidão semelhante ao *Magnificat* de Maria. Tudo menos sentimento de inferioridade!

A partir do atractivo profundo que a diferença estabelece, embora na identidade essencial, realiza-se aquele total e recíproco dom de si que é o coração da sponsalidade, tanto no caminho habitual do matrimónio como no da vocação virginal. Pelo facto de o homem e a mulher serem seres espirituais-corporais, a

⁹ JOÃO PAULO II, *Mulieris Dignitatem*, 29.

esta incondicional oblatividade está ligada a faculdade de dar a vida. Na exclamação de Eva, «Gerei um homem com o auxílio do Senhor» (Gn 4, 1b), transparece todo o humilde orgulho de quem está ciente de participar no grande mistério da eterna geração de Deus-Pai. Daqui a familiaridade particular da mulher com a origem e com o fim da vida: com o nascer e com o morrer de todo o homem. Na gruta de Belém e no Calvário, aos pés da Cruz, Maria, a mulher por excelência, tem o papel de protagonista. Nela – esposa, mãe e virgem – os traços característicos da identidade feminina ressaltam com toda a sua força luminosa.

«A dignidade da mulher», diz o Papa, «é medida pela ordem do amor»¹⁰. Todo o homem está confiado de forma especial à mulher.

Por isso alguém de incontestável autoridade defende que, na Igreja, a dimensão mariana, feminina, tem, em última análise, o primado sobre a dimensão petrina, masculina.

4. O eu e o outro

«A minha generosidade é como o mar e não tem limites, e o meu amor é igualmente profundo: ambos são infinitos e, assim, quanto mais te dou, tanto mais tenho para mim»¹¹.

Nestas palavras que Julieta dirige a Romeu está bem expressa a lei fundamental do coração do homem: ele é tanto mais rico quanto mais se dá. Aludimos a isto no início: o *eu* realiza-se no *tu*. A coisa é de tal forma evidente que conota cada etapa da existência humana: desde a primeira troca de olhares fugazes entre a mãe e o seu bebé ao inefável «estado nascente» do enamoramento... e à amizade mais sólida e profunda.

O homem só tem acesso à satisfação dentro do abraço de outro. A categoria de relação inscrita na unidade dual – como aprendemos a chamá-la – é um dos pilares de sustentação da experiência humana elementar. Em toda a *Bíblia*

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Cf. W. SHAKESPEARE, *Romeu e Julieta*, Acto II, Cena II.

– que é, simultaneamente, guardiã e profecia cumprida dessa experiência – ela tem um lugar central. Das páginas iniciais do Génesis, através da sequência das intensíssimas e frequentemente dramáticas páginas que, nos livros proféticos e sapienciais, descrevem a aliança nupcial entre Deus e o seu povo, até aos Evangelhos, que nos oferecem o testemunho do homem Jesus de Nazaré, Filho de Deus, e daquilo que Ele nos revela da vida íntima da Trindade.

A relação, elemento fundamental sobre o qual assenta todo o edifício da história do homem, é também a chave de leitura para enfrentar o problema da união entre o homem e a mulher.

No entanto, na nossa sociedade de comunicação de massas e do triunfo do *virtual* (em detrimento do *real*!), *outro* é um termo cada vez mais desvanecido. É realmente paradoxal: quanto mais invasiva e sofisticada é a comunicação, mais se exalta o homem desvinculado de todos os laços (é a «mística» do *single*): um *eu* sem o *outro*, que é considerado um empecilho maçador, se não mesmo como um verdadeiro inimigo. A inquestionável força emblemática do título italiano dum filme recente, *Io ballo da sola* («Eu danço sozinha»)NT (mesmo em locais onde se apinham centenas de pessoas) marca o sintoma alarmante do anti-humanismo da nossa sociedade. É indício daquela abolição do *humanum* a que teremos oportunidade de voltar mais adiante.

Qualquer relação entre pessoas põe sempre em jogo o dinamismo da liberdade. Antecipando em traços largos os termos da questão, poderíamos defini-lo como o movimento constitutivo em virtude do qual o eu, aderindo por meio de uma escolha àquilo que percebe como um bem, procura a sua satisfação. A palavra, limpando o terreno de toda a abstracção (*satisfacere*, o verbo latino do qual deriva, tem a ver com «encher a barriga»), indica bem o imparável impulso para a realização que está presente em cada um de nós. A satisfação continua a ser, em todo o caso, bem mais do que a mera saciedade das necessidades pessoais fundamentais. Leopardi, na parte final do «Canto Nocturno de Um Pastor Errante da Ásia»¹²,

NT Refere-se a *Stealing Beauty* (1996), de B. BERTOLUCCI, que em Itália foi exibido sob o título *Io ballo da sola*.

¹² Cf. G. LEOPARDI, «Canto Nocturno de Um Pastor Errante da Ásia», vv. 116-120: «Eu, porém, sento-me na erva, à sombra/e um fastio me invade/a mente, e um aguilhão quase me fere/de tal modo que, sentado, mais do que nunca estou longe de encontrar paz ou lugar.»

«Amor é jovem de mais para saber o que é consciência
Mas quem não sabe que a consciência nasce do amor?»

«Qualquer um de nós sente que estas palavras de Shakespeare, que encontram eco em inúmeras vozes da arte, da literatura e da música de todos os tempos e de todos os lugares, fazem vibrar um acorde constitutivo da experiência humana. O *eu* nasce sempre no seio duma relação. Portanto, eu sou sempre precedido por uma relação. Tenho origem *noutro*. Preciso de *outro* para me realizar. Com a palavra *amor* – hoje, mais do que nunca, gasta, desfigurada, mal entendida – pretende-se designar esta experiência universal e original que, precisamente por assim ser, não se pode perder sem que se extravie o homem enquanto homem..»

Monsenhor Angelo Scola, doutor em Filosofia e Teologia, foi ordenado bispo em 1991, tendo já sido reitor da Pontifícia Universidade Lateranense (1995-2002) e ascendido à presidência do Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimónio e Família. Em Janeiro de 2002, foi nomeado Patriarca de Veneza. São da sua autoria inúmeras publicações versando sobre diversos temas de antropologia teológica.

Apoio:



www.principia.pt

ISBN 972-8818-45-9



9 789728 818456

Principia